

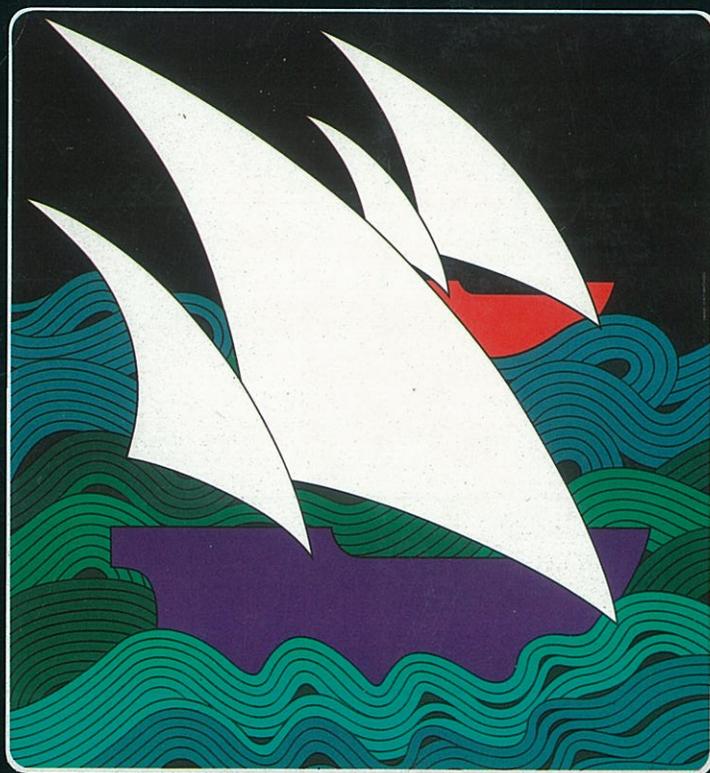
UNIVERSIDADE DO PORTO
COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES
DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

CONGRESSO INTERNACIONAL
BARTOLOMEU DIAS E A SUA ÉPOCA

Actas

Volume IV

**SOCIEDADE, CULTURA E MENTALIDADES
NA ÉPOCA DO *CANCIONEIRO GERAL***



PORTO • 1989

Bartolomeu Dias, o «Capitão do Fim»

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

A recorrência tópica do tema das Descobertas na obra de Fernando Pessoa, nas suas diferentes modalidades discursivas, desde as poéticas às fragmentariamente ensaísticas, mostra que se trata de uma das referências essenciais da sua visão não apenas portuguesa mas universal do mundo. Ela assume, na verdade, múltiplas variações, quer como motivo de reflexão quer como elemento de figuração retórica, atravessando a sua criação literária tanto como as suas meditações esotéricas e messiânicas.

O facto de o centenário do nascimento do poeta coincidir com a comemoração do quinto centenário da dobragem do Cabo da Boa Esperança, perto do qual Pessoa viveu a sua infância e adolescência de expatriado da África do Sul, constitui uma conjunção simbólica propícia não só ao estabelecimento de uma relação entre as duas efemérides mas à evocação da figura de Bartolomeu Dias sob o signo da sua projecção mito-poética.

É na *Mensagem* que Fernando Pessoa celebra o Navegador de D. João II, sob a forma de um «epitáfio», dando-lhe o epíteto de «Capitão do Fim». E fá-lo num breve poema de uma só estrofe de quatro versos, que se situa entre «O Mostrengo» e «Os Colombos», na segunda parte do livro, intitulada «Mar Portuguez». O Cabo chamado das Tormentas, antes de o ser da Boa Esperança, é aí vislumbrado como «Assombro» — assombração, terror, espantô — que, uma vez transposto, abre o mar ao que não é senão ainda e sempre o mar («o mar é o mesmo»), para lá de qualquer cabo ou fim¹. Porque, como se lê no poema «Padrão»

¹ *Obra Poética*, Rio de Janeiro, 1981, p. 14.

e outros poemas da *Mensagem* variamente glosam, «o mar com fim será grego ou romano: / O mar sem fim é portuguez»².

Eis, para Pessoa, o sentido profundo da aventura marítima que Portugal empreendeu e Bartolomeu Dias encarna: ao invés dos navegadores antigos, para quem o Mediterrâneo foi o espaço mítico e histórico por excelência, já que, como escreveu Fernand Braudel, imaginavam o mar como «um limite, uma barreira estendida até ao horizonte»³, o Navegador português, esse, «fita além do mar», pois para ele o «limite da terra» de que parte e a que chega nunca será mais do que um «promontório» a dominar «o mar que possa haver além da terra», conforme o prefigura o poema dedicado a «D. João, o Segundo»⁴. É, numa palavra, o infinito — impossível de conceber pelos gregos, diga-o Alberto Caeiro — que através das descobertas o homem português afinal descobre, para lá deste ou daquele cabo terrestre, na imensidão do mar-oceano. Enquanto objecto e sujeito do conhecimento, o espaço exterior e interior confunde-se, num esforço de transcendência: «Quem quere passar além do Bojador / Tem que passar além da dor»⁵.

Na visão do «Portugal-Infinito» de Pessoa, as descobertas são o verdadeiro encontro com a civilização: «Portugal surgiu definitivamente na civilização europeia pelas descobertas, e as descobertas são um acto cultural; mais do que um acto cultural são um acto de criação civilizacional» — escreve ele num dos seus fragmentos em prosa. Atenção, porém, esclarece o poeta: «a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia de descoberta»⁶. Pois que é a descoberta, como ideia, senão esse «acto de criação civilizacional» permanente e sem fim?

O «mar universal» que os portugueses civilizacionalmente sulcaram, pondo em contacto várias outras civilizações, foi não apenas fisicamente mas espiritualmente o Atlântico: «Foi pelo Atlântico que fomos à procura da glória, à criação da Civilização Maior. É pelo Atlântico, mas em alma e espiritualização, que devemos ir em demanda da Civilização Máxima!»⁷, tal é o atlantismo do poeta dos heterónimos.

Na «pequena praia extrema», que tanto pode ser a «ocidental praia lusitana» de Camões como esse cabo último da África dobrado por Barto-

² *Ibidem*, p. 13.

³ *La Méditerranée*, Paris, 1985, p. 47.

⁴ *Obra Poética*, cit., p. 10.

⁵ *Ibidem*, p. 16.

⁶ *Sobre Portugal*, Lisboa, 1979, p. 223.

⁷ *Ibidem*, pp. 224-225.

lomeu Dias, este ergue feito Atlas — o gigantesco semi-deus, maior que o Adamastor — «o mundo nos seus ombros», o mesmo «globo mundo» que o Infante D. Henrique, noutra poesia-chave da *Mensagem*, em suas mãos sustenta, tendo «aos pés o mar novo e as mortas eras»⁸. A via está assim aberta para o advento dos «Tempos», que constituem o fecho infinito da *Mensagem*.

A partir daí, tudo o que vier é já uma mera consequência do acto essencial de criação que foi dobrar o «Assombro». Os «Colombos» nada mais terão do que o que nós, portugueses, «houvermos de perder». Mesmo o que possam «achar» já foi achado, ainda que «não achado», porque «o que a eles não toca» é «a Magia que evoca / O Longe e faz dele História», como reza o poema em que, por contraste com Bartolomeu Dias, a glória de Cristóvão Colombo é reduzida a uma simples «luz emprestada»⁹.

Eis a mensagem profética deste «epitáfio», anunciando não uma morte mas uma renascença. Breve, como breves devem ser retoricamente todos os epitáfios, ele eleva-se poeticamente ao infinito da descoberta, de que o Navegador português foi o último Capitão. Ultrapassado o cabo das Tormentas pelas «naus da iniciação» de Bartolomeu Dias, «abriu em flor o Longe»¹⁰, como uma Boa Esperança de paz e fraternidade universal.

Paris, Setembro de 1988.

⁸ *Obra Poética*, cit., p. 11.

⁹ *Ibidem*, p. 14.

¹⁰ *Ibidem*, p. 10.